

CENÁRIOS ECONÔMICOS DA MACROPLAN

MONITORAMENTO MENSAL – 2ª EDIÇÃO

Fevereiro de 2010

Crise fiscal na Europa é alerta para o Brasil

A crise financeira de 2009 está dando lugar às preocupações fiscais de 2010. Apesar dos sinais de recuperação de vários países, há um grupo de nações que ainda não conseguiu deixar a recessão para trás: são os 'Piigs', sigla formada pelas iniciais em inglês de Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha, países em péssima situação fiscal. Dois deles, Grécia e Espanha, provocaram pânico nos mercados ao longo do mês de fevereiro, com o temor de que seu elevado déficit leve a uma onda de calotes na Europa, o que afetaria também outros países detentores de títulos das dívidas. A Grécia, que registrou déficit fiscal de 12,7% em 2009, acumula quatro trimestres de retração; já a Espanha, com déficit fiscal de 11,4% no ano passado, é a única entre as 15 maiores economias do mundo que ainda está em recessão. A Itália tem um déficit de 12,2% e Portugal, de 9,3%. A União Europeia estabelece como limite máximo um déficit de 3%. Os potenciais riscos associados ao 'efeito dominó' produzido pela situação fiscal desses países europeus sobre a economia mundial são antecipados nos cenários da Macroplan 'Um Emergente Retardatário' e 'Crescimento Inercial'¹.

Nos EUA e no Reino Unido, a dificuldade principal é compatibilizar a saída da recessão com a necessidade de apertar o orçamento. De fato, o mundo despejou trilhões de dólares nos mercados para deter a crise de liquidez, salvar bancos e a economia. O resultado foi a explosão dos déficits públicos, elemento antecipado em todos os quatro cenários da Macroplan. O FMI calcula que a dívida do G-20 vai chegar a 118% do PIB em 2014 (em comparação com 80% antes da crise), o que irá demandar um grande esforço de estabilização nos próximos anos.

Os problemas fiscais desses países desenvolvidos sinalizam que a trajetória da economia mundial continuará turbulenta por algum tempo, tornando os mercados nervosos e voláteis. Entretanto, o cenário mais provável é que não seja visto nos próximos meses um novo mergulho recessivo da economia mundial, e sim o prosseguimento de um crescimento econômico abaixo do verificado no período anterior à crise iniciada em 2007.

Embora o Brasil venha sendo muito pouco afetado pelas turbulências provocadas pela crise fiscal na Europa – o que obedece à lógica dos cenários 'Um Salto para o 1º Mundo' e 'Mudança de Patamar' –, ela serve como sinal de alerta para os riscos relacionados ao afrouxamento das contas públicas no País. No decorrer da gestão da crise, aproveitando o embalo internacional, o governo brasileiro aumentou ainda mais os gastos e a intervenção do Estado na economia. As contas públicas se deterioraram, a dívida aumentou.

Em dezembro de 2006, a dívida bruta e a dívida líquida correspondiam, respectivamente, a 55% e a 45% do PIB. Já em dezembro de 2009, a dívida bruta havia crescido para 63% do PIB, enquanto a dívida líquida havia caído para 44% do PIB. Ou seja, a dívida pública bruta, no último triênio, cresceu nove pontos percentuais de PIB acima da evolução da dívida líquida. O acúmulo de reservas internacionais responde pela maior parte dessa diferença, uma vez que as reservas são abatidas da

¹ Para mais detalhes, ver: MACROPLAN (2009). "Cenários Focalizados na Crise e Pós-Crise Econômica". Disponível para download em www.macroplan.com.br.

dívida líquida, mas não da dívida bruta. Mas outra parte importante do crescimento da dívida bruta advém dos empréstimos feitos pelo Tesouro a instituições financeiras oficiais, sobretudo ao BNDES.

No Brasil, ao contrário de outros países, o mercado se acostumou a olhar para a dívida líquida como o termômetro de qualidade do endividamento público. O mercado, porém, começa a ficar atento. Além disso, mesmo a dívida líquida do setor

público ainda é alta. Em dezembro de 2009, ela ficou em 43% do PIB, enquanto países com classificação de risco semelhante à do Brasil ficaram no mesmo ano com um endividamento líquido próximo a 30% do PIB. Em um cenário em que o mundo se mostra cada vez mais preocupado e ansioso com os riscos fiscais, qualquer incerteza em relação ao financiamento da dívida é uma sinalização muito ruim para os mercados. Os acontecimentos europeus de fevereiro reforçam a lição de que um equilíbrio permanente das finanças públicas é fundamental para a estabilidade e o crescimento sustentado de qualquer economia, seja ela emergente ou desenvolvida.



MUNDO

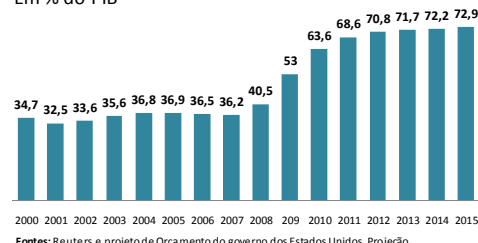
O Mundo Hoje

➤ DÉFICIT FISCAL NOS EUA

Os EUA deram seu primeiro passo para impor alguma disciplina sobre o crescente déficit nas contas públicas do país. Foi enviado ao Congresso projeto de orçamento para o ano fiscal de 2011, com valor total de US\$ 3,8 trilhões. A proposta eleva impostos sobre os mais ricos e as grandes empresas, ao mesmo tempo em que expande gastos para estimular a criação de emprego e o uso de energia limpa.

Fonte: "EUA preveem déficit recorde, mas prometem queda rápida" (Valor Econômico, 02/02/2010)

Evolução da dívida pública americana
Em % do PIB



➤ ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA NA CHINA

O governo da China está endurecendo os controles, inclusive elevando o compulsório dos bancos, para impedir que concessões de crédito recorde alimentem a inflação no país. Os bancos chineses emitiram um recorde de 9,6 trilhões de yuan (US\$ 1,6 trilhão) em novos empréstimos no ano passado, como parte de um pacote de estímulo de 4 trilhões de yuan destinado a apoiar o crescimento do país durante a crise financeira mundial. Se os preços dos imóveis caírem 10% em Xangai, o segundo mercado imobiliário mais caro da China, o índice de créditos imobiliários inadimplentes dos bancos da cidade poderá quase triplicar, para 1,18%, de acordo com a agência do CBRC em Xangai.

Fonte: "País tem trilhões de yuans em crédito podre" (Valor Econômico, 09/02/2010)

➤ ÍNDIA DEVE COMEÇAR A RETIRAR ESTÍMULOS FISCAIS

Crescimento Indiano no ano fiscal que termina em março deve ficar em torno de 7,2%. Apesar da volta do crescimento, a inflação vem se tornando uma preocupação crescente para os indianos. Os preços dos alimentos registraram um salto de 7,3% no índice de atacado de dezembro e essa tendência de alta vem se alastrando para os demais setores. O banco central indiano já conchama o governo a diminuir as medidas de estímulo fiscal e de gastos que ajudaram a terceira maior economia da Ásia a enfrentar a crise global.

Fonte: "Índia cresce 7,2% e deve retirar estímulos" (Valor Econômico, 09/02/2010)

Condicionantes Mundiais de Longo Prazo

► CHINA AVANÇA NA PRODUÇÃO DE ENERGIA LIMPA

A China superou em 2009 suas antigas concorrentes na Dinamarca, Alemanha, Espanha e Estados Unidos, tornando-se a maior fabricante de turbinas eólicas. Além disso, nos dois últimos anos a China vem se destacando como a maior fabricante de painéis solares do mundo. Os chineses também trabalham com igual intensidade para construir reatores nucleares e centrais elétricas mais eficientes movidas a carvão. A China estabeleceu como meta que, até 2020, a energia solar, eólica e aquela produzida com biomassa represente 8% de sua capacidade de geração de eletricidade (hoje ela representa menos de 4%).

Fonte: "China sai na frente para produzir energia limpa" (O Estado de S. Paulo, 01/02/2010)

► ENVELHECIMENTO POPULACIONAL PREOCUPA EUROPA

Além da crise da dívida fiscal, outro fator ameaça o modelo social europeu: o envelhecimento da população. Em 2007, 16% dos europeus tinham mais de 65 anos. Em 2060, um a cada três europeus será aposentado. Segundo a OCDE, o impacto do envelhecimento da população europeia é bem maior que o impacto da atual crise para as contas do continente. Para a organização, o atual processo de fechamento das fronteiras para os imigrantes terá de acabar e os trabalhadores irregulares terão de ser incorporados nas economias. Só assim, segundo a OCDE, o sistema de pensão será resgatado de uma falência.

Fonte: "Envelhecimento da população já preocupa" (O Estado de São Paulo, 14/02/2010)



BRASIL

O Brasil Hoje

► APESAR DOS IMPOSTOS, PAÍS AVANÇA NO RANKING DE COMPETITIVIDADE

O Brasil melhorou oito posições na classificação de competitividade do Fórum Econômico Mundial e passou da 64ª posição (total de 134 países), em 2008, para a 56ª (total de 133 países) em 2009. O índice geral de cada país é calculado a partir de três grandes itens: requisitos básicos, fatores de eficiência e fatores de inovação e de sofisticação. A pior nota do Brasil (91º lugar) vai para o primeiro item, o mais dependente da ação do governo e da qualidade das instituições. As melhores classificações aparecem quando se trata dos fatores de eficiência, como o tamanho do mercado e a disponibilidade de tecnologia, e dos fatores de sofisticação dos negócios (32º lugar) e de inovação (43º). Dentre os principais entraves, os impostos têm destaque. Em 2009 os impostos corresponderam a 35,02% do PIB, queda de apenas 0,14 ponto percentual frente a 2008. Mesmo com a queda, houve crescimento nominal da arrecadação. No total, entre tributos e contribuições federais, estaduais e municipais, foram arrecadados em 2009 no Brasil R\$ 1,09 trilhão, ante R\$ 1,05 trilhão do ano anterior.

Fonte: "País vai do 64º para o 56º lugar; impostos travam maior avanço" (O Estado de S. Paulo, 31/01/2010), "Mesmo com corte de impostos, carga tributária fica quase igual" (O Globo, 03/02/10)

➤ INDÚSTRIA SINALIZA RECUPERAÇÃO

Mesmo em queda, no mês e no ano, produção industrial apresenta sinais de recuperação: setores que estão na base da atividade apresentam maior expansão e sinalizam para crescimento futuro. Enquanto o conjunto da indústria sofreu retração de 0,3% entre novembro e dezembro do ano passado, a produção de bens de capital e insumos para construção civil manteve o crescimento verificado nos últimos meses de 2009. A produção industrial brasileira recuou 7,4% em 2009, mas o ano se encerrou mostrando sinais de recuperação. O setor de bens de capital apresentou, na comparação entre o quarto e o terceiro trimestres do ano, expansão de 13,3%, ante uma média de 3,6% da indústria como um todo, o que aponta para a retomada dos investimentos.

Fonte: “Indústria tem pior resultado em 19 anos, mas se recupera” (Folha de S. Paulo, 03/02/10), Fonte: “Indústria recua em dezembro, mas bens de capital e intermediários têm alta” (Valor Econômico, 03/02/2010)

➤ PAÍS INTENSIFICA INTERNACIONALIZAÇÃO

Em 2008, o total de remessas de lucros e dividendos enviados para o País de empresas nacionais instaladas no exterior foi de US\$ 33,875 bilhões. No ano passado, as remessas foram de US\$ 25,2 bilhões e a previsão para 2010 é de US\$ 30,2 bilhões (o equivalente a 20% das importações do país). É um peso importante no resultado final da conta corrente, que teve um déficit de US\$ 24,334 bilhões no ano passado e deve registrar em 2010 déficit de US\$ 40 bilhões. Apenas em 2009, os investimentos brasileiros diretos no exterior alcançaram US\$ 10,1 bilhões, enquanto os investimentos estrangeiros diretos (IED) no Brasil somaram US\$ 25,9 bilhões. Essa nova fase no processo de internacionalização é consequência do processo de estabilização macroeconômica, mas também do fortalecimento do mercado de capitais, da capacidade de endividamento das empresas e da expansão do mercado doméstico.

Fonte: “A nova onda de aquisições no exterior” (Valor Econômico, 04/02/2010)

➤ INVESTIMENTO FEDERAL GANHA ESPAÇO NO PIB

Os investimentos da União e das estatais federais cresceram em 2009, respondendo por quase 20% do total investido no país na construção civil e em máquinas e equipamentos – em 2008, esse percentual ficou próximo a 14%. O aumento da fatia das inversões federais no total ocorreu porque, ao mesmo tempo em que União e estatais gastaram mais na ampliação da capacidade produtiva, o setor privado gastou menos, sob o impacto da crise global. A trajetória do investimento federal é um movimento na direção correta, mas a participação das inversões ainda é pequena diante do tamanho do orçamento federal. As despesas correntes da União, por exemplo, totalizaram R\$ 538,2 bilhões em 2009, 17% do PIB, enquanto os investimentos em ativos fixos ficaram em 1,03% do PIB.

Fonte: “Fonte: “Investimento federal ganha espaço no PIB” (Valor Econômico, 08/02/2010)

➤ DESPESA DO GOVERNO COM PESSOAL É A MAIS ALTA EM 15 ANOS

A despesa com pagamento de pessoal e encargos sociais no Poder Executivo subiu 41%, descontada a inflação, na administração Lula. Estimativa do especialista em contas públicas Raul Velloso revela que esse gasto chegou a R\$ 85 bilhões em 2009. O cálculo considera servidores civis e exclui militares e o Ministério Público. No governo Fernando Henrique, o crescimento da despesa com servidores do Executivo foi menor: 10%. Mas os maiores reajustes não estão no Executivo, mas no Judiciário e no Ministério Público, que têm autonomia para decidir suas remunerações. Nesses casos, as altas foram expressivas nas administrações FHC e Lula. De 1996 a 2009, a despesa com o pagamento dos funcionários do Judiciário

avançou 270%. No Ministério Público, a alta foi de 285%. Os gastos do Legislativo subiram relativamente menos: 87%. O pagamento de funcionários é a segunda maior despesa da União e só perde para os benefícios do INSS.

Fonte: “Despesa do Judiciário com servidor sobe 270%” (O Estado de São Paulo, 07/02/2010), “Poder Executivo deve ultrapassar 100 mil novos cargos no governo Lula” (O Estado de São Paulo, 07/02/2010) e “Gasto com pessoal é o mais alto em 15 anos” (O Estado de São Paulo, 09/02/2010)

Condicionantes Nacionais de Longo Prazo

► INDÚSTRIA BRASILEIRA TEM MENOR PESO RELATIVO NA ECONOMIA

Entre 1970 e 2007, países com taxas médias de crescimento anual iguais ou superiores a 5% aumentaram fortemente a participação da indústria de transformação em suas economias. Esse processo, liderado por China e Coreia do Sul, contrasta com o que aconteceu no Brasil. Por aqui, a indústria encolheu em relação ao peso que tinha no passado. Respondia por 30% do valor adicionado total, em média, entre 1972 e 1980. E caiu para 23,75% em 2007. Houve, como os especialistas chamam, uma desindustrialização relativa na economia nesse período. A participação do Brasil na economia mundial se mantém praticamente estabilizada, desde a década de 80, graças ao crescimento da agropecuária.

Fonte: “Décadas perdidas”, (O Globo, 19/02/10)

► PAÍS ENFRENTA DIFICULDADES NA EXECUÇÃO DE OBRAS

A dificuldade do governo federal para gastar o dinheiro público criou um caos orçamentário no Brasil. Além dos recursos autorizados e não gastos, há um montante cujo pagamento está sendo adiado ano após ano a ponto de virar um orçamento paralelo. São os chamados restos a pagar, despesas empenhadas (compromisso de que há crédito para a obra) que não receberam desembolso do Tesouro e foram transferidas para o ano seguinte. Entre 2006 e janeiro de 2010, essa conta quase quadruplicou (290%). Saltou de R\$ 12,8 bilhões para cerca de R\$ 50 bilhões.

Três anos depois do seu lançamento, o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) teve 63,3% de seus recursos liberados, um total de R\$ 403,8 bilhões. Segundo o governo, 40,3% das ações previstas foram concluídas, mas levantamento do site Contas Abertas aponta que, quando se leva em conta o número de obras prontas, o índice de conclusão chega a 10% dos cerca de 1.230 empreendimentos. O setor mais adiantado é o de habitação e saneamento, com obras concluídas que representam 66,4% dos recursos previstos. Para a área de logística e de energia, esse índice foi de apenas 27,6%

Fonte: “Governo cria 'orçamento paralelo'” (Estado de São Paulo, 01/02/10), “Pendências atrasam obras nas estradas” (Estado de São Paulo, 01/02/10) e “PAC concluiu só 40% das obras previstas em 3 anos” (Folha de S. Paulo, 05/02/10)

► APAGÃO LOGÍSTICO IMPEDE O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO

A safra recorde de 65,1 milhões de toneladas de soja no país, um dos itens que mais contribuíram para o superavit de US\$ 24 bilhões da balança comercial brasileira em 2009, vai agravar a situação do já caótico sistema portuário brasileiro, que depende de obras que integram a carteira de prioridades do PAC. As consequências, segundo especialistas e produtores, serão a perda de produção por causa da precária infraestrutura para escoamento, custos de exportação US\$ 45 por tonelada mais caros do que os principais concorrentes internacionais e uma desorganização do já confuso sistema de escoamento da safra em virtude dos limites dos portos brasileiros. O Ministério da Agricultura estima que 20 milhões de toneladas de grãos produzidas no país são desviadas para portos muito mais distantes do que sugere qualquer planejamento logístico.

Fonte: “Apagão logístico impede o avanço do agronegócio” (Folha de S. Paulo 07/02/2010) e “Perda por logística precária pode chegar a US\$ 2 por saca” (Folha de S. Paulo 07/02/2010)

➤ IMPOSTO É MAIOR OBSTÁCULO À PESQUISA

As empresas querem inovar, mas o custo ainda é considerado alto para o risco do investimento, segundo pesquisa realizada pela FIESP. Para as empresas, os principais obstáculos aos investimentos em atividades inovadoras são decorrentes do desequilíbrio do trinômio câmbio-juros-carga tributária. O gasto das empresas em P&D atingiu R\$ 15,16 bilhões em 2008, o que corresponde a 0,51% do PIB. Para elevar esse percentual para 0,65%, tal como proposto pela atual política industrial, seria preciso rever a forma de incentivar as empresas.

Fonte: "Incentivo à inovação é 'ilusório', afirma Iedi" (Estado de São Paulo, 08/02/10) e "Imposto alto é maior obstáculo à pesquisa" (Estado de São Paulo, 08/02/10)

➤ A VEZ DA CLASSE C

Pela primeira vez na história, a classe C, cujos lares recebem entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807 por mês, passou a representar a maior fatia da renda nacional. Correspondem agora a 46% do total de rendimentos das pessoas físicas, contra 44% do topo da pirâmide (AB), passando de 32% para 52% da população nos últimos 15 anos e representando hoje mais de 90 milhões de pessoas. Em 2003, a classe C respondia por 37% da renda nacional.

Fonte: "A vez da classe C" (O Globo, 07/02/10) "Classe C chega perto da A/B no consumo, mas deve mais" (Estado de São Paulo, 08/02/10) e "Brasil cresce com um novo mercado de massa" (O Estado de São Paulo, 14/02/2010)

Abaixo são apresentados indicadores selecionados para o mundo e Brasil. Tal como as matérias resumidas anteriormente, os indicadores ilustram expectativas e dados concretos relacionados à evolução dos principais fenômenos cenarizados pela Macroplan em seus estudos prospectivos.

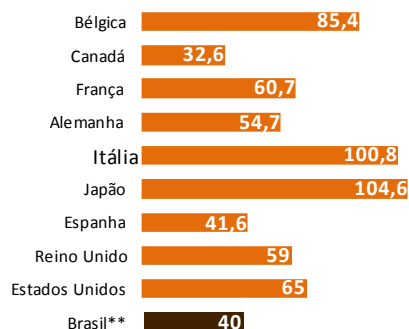


MUNDO

	PIB (% a.a.)		Produção Industrial % (último dado)	Inflação % (2009)	Inflação % (último dado)	Taxa de Desemprego (%)
	2009*	2010*				
China	+ 8,7	+ 9,6	+ 18,5 (Dez)	- 0,6	+ 1,5 (Jan)	10,2 (2009)
Índia	+ 6,5	+ 7,3	+ 16,8 (Dez)	+ 10,7	+ 15,1 (Dez)	10,7 (2009)
Japão	- 5,3	+ 1,5	+ 5,3 (Dez)	- 1,4	- 1,7 (Dez)	5,1 (Dez)
EUA	- 2,5	+ 3,0	+ 0,9 (Jan)	- 0,4	+ 2,6 (Jan)	9,7 (Jan)
Zona do Euro	- 3,9	+ 1,4	- 5,0 (Dez)	+ 0,3	+ 1,0 (Jan)	10,0 (Dez)
Mundo	-0,8	+ 3,9	+ 9,8 (Nov)	+ 2,5	-	6,6 (2009)

Dívida pública no mundo

Projeção para 2010, em % do PIB



Fontes: The Economist, 5 de março de 2010; FMI Brasil; OIT; *Previsão da 'Economist Intelligence Unit'; OCDE; **Previsão BCB

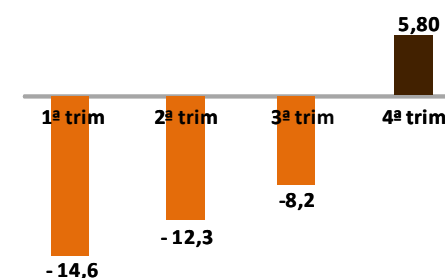


BRASIL

Atividade Econômica / Política Monetária

	2009	2010*	Produção Industrial, % (último dado)	Inflação IPCA, %	Taxa de Desemprego (%)	Empregos Formais CAGED
PIB (% a.a.)*	- 0,24	5,50	+ 16 (Jan)	+ 0,75 (Fev)	7,2 (Jan)	181.419 (Jan)
Taxa Selic % a.a. fim de período	8,75	11,25				
IPCA (%)	4,31	4,91				

Variação da produção industrial trimestral (%)



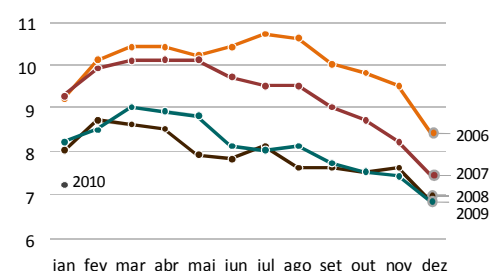
Fontes: IBGE, Boletim Focus BCB 26/02/10, *Previsão Boletim Focus BCB

A força do mercado interno e o crescimento de setores como a construção e o agronegócio ajudaram o mercado de trabalho brasileiro a ser o primeiro dentre as grandes economias globais a retornar ao nível pré-crise.

A taxa de desemprego de janeiro foi de 7,2%, a mais baixa para o mês desde 2003, informou o IBGE. Mesmo em países que, ao contrário do Brasil, conseguiram evitar a recessão (casos de Austrália e Coreia do Sul), a taxa de desemprego continua maior do que a de antes da crise. E nos países desenvolvidos, caso de EUA e Europa, as perspectivas são que vai demorar muitos anos até que o desemprego retorne ao nível anterior à crise.

Fonte: "Brasil puxa recuperação do emprego global" (Folha de S. Paulo, 21/02/2009)

Taxa de desemprego mensal (IBGE) %



Economia do Setor Público/ Política Fiscal

Setor Externo

	2008	2009*	2010*		2008	2009	2010*
Carga tributária (% PIB)	35,16	35,02	-	Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	2,33	1,70	1,80
Relação Dívida/PIB (%)	38,8	44,25	41,7	Conta Corrente (USD Bilhões)	- 29	- 17,52	- 50,0
Resultado Primário (% PIB)	3,54	2,06	-	Balança Comercial (USD Bilhões)	24	25	10
				IED (USD Bilhões)	45,06	25	38

Fontes: Boletim Focus BCB 26/02/10
*Previsão Boletim Focus BCB

Os Cenários Focalizados no Pós-Crise

A Macroplan é uma empresa de consultoria que faz cenários há mais de 20 anos e já fez inúmeros projetos de cenários para grandes e médias empresas, instituições governamentais e entidades educacionais e tecnológicas. A Macroplan tem a rotina de fazer cenários para o Brasil, sendo o último, que baliza este monitoramento, os “Cenários Focalizados na Crise e Pós-Crise Econômica”, que podem ser acessados no site www.macroplan.com.br. Um resumo dos 4 cenários desse estudo segue abaixo:

➤ CENÁRIO 1. EM DUAS DÉCADAS O BRASIL DÁ “UM SALTO PARA O 1º MUNDO”

Em um contexto mundial de múltiplas oportunidades, o enfrentamento dos principais gargalos estruturais do Brasil possibilita a entrada da economia em uma trajetória de crescimento sustentado. Consolida-se no País também um ambiente próspero e favorável ao desenvolvimento dos negócios e à atração de investimentos estrangeiros. Soma-se a isso o revigoramento das instituições e a adoção de novas formas de gestão pública, o que torna possível uma contínua melhora da qualidade do gasto e dos serviços públicos. O parque produtivo passa por um intenso processo de inovação tecnológica, o que permite ao país inserir-se de forma competitiva na economia global. Na esfera ambiental, a questão deixa de ser vista como entrave ao desenvolvimento econômico e passa a ser vista como oportunidade de negócios.

➤ CENÁRIO 2. “UM EMERGENTE RETARDATÁRIO”: O BRASIL CONTINUA CORRENDO ATRÁS

O Brasil desperdiça a maior parte das oportunidades que o contexto mundial volta a oferecer. À exceção da educação, a ausência de reformas estruturais contribui para a manutenção de graves entraves ao desenvolvimento nacional, com o país perdendo competitividade frente a outros grandes emergentes. O Brasil em 2030 é um país dual. Reúne, ao mesmo tempo, um setor privado dinâmico, inovador e empreendedor, e regiões altamente competitivas, com um setor público pesado e ineficiente e regiões mais atrasadas, impedindo melhorias no ambiente de negócios e nos indicadores sociais. As grandes áreas metropolitanas ainda convivem com graves problemas, sobretudo nas áreas de infraestrutura, segurança e emprego e o Brasil ainda acumula relevantes passivos ambientais. Na área energética, os investimentos limitam-se aos segmentos mais dinâmicos, como petróleo e geração de energia hidroelétrica.

➤ CENÁRIO 3. “MUDANÇA DE PATAMAR”: BEM PERTO DO 1º MUNDO

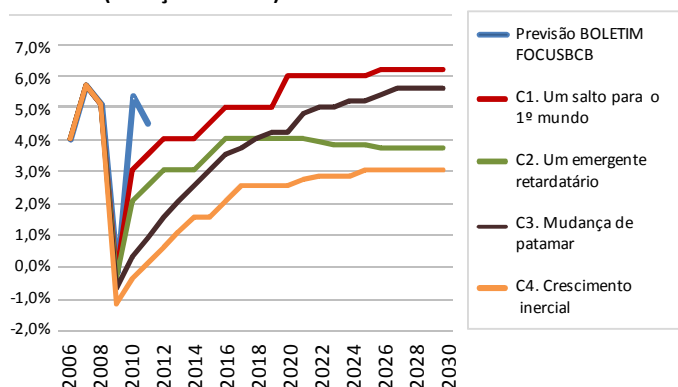
Apesar do moderado dinamismo e de crises cíclicas no contexto mundial, o enfrentamento aos principais gargalos estruturais possibilita à economia brasileira experimentar uma mudança de patamar, consolidando trajetória de crescimento sustentado após 2020. O crescimento é decorrência da construção de um ambiente estável e favorável ao desenvolvimento dos negócios e à atração de investimentos estrangeiros, apoiado, em grande parte, no dinamismo de seu mercado interno. A educação dá saltos de qualidade. Soma-se a isso uma contínua melhora da qualidade do gasto e dos serviços públicos, impactando positivamente os índices de qualidade de vida e de desenvolvimento regional. O parque produtivo brasileiro passa por um processo de inovação tecnológica e a área energética é alvo de elevado volume de investimentos. No campo ambiental, os avanços na gestão fazem progredir a “economia limpa” que multiplica oportunidades de negócios e de geração de renda e trabalho.

➤ CENÁRIO 4. “CRESCIMENTO INERCIAL”: A “BALEIA” VOLTA A ENCALHAR

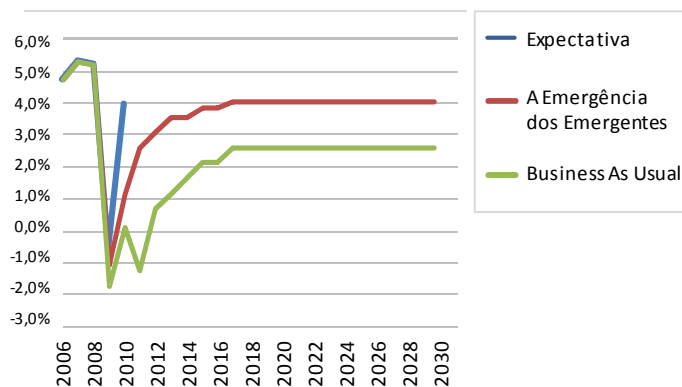
A persistência de graves entraves ao desenvolvimento aborta a trajetória de aceleração do crescimento econômico registrada nos primeiros anos do século XXI. Como resultado, o crescimento econômico brasileiro até 2030 volta a cair. O País é prejudicado ainda por dificuldades políticas e institucionais, caracterizadas pela gestão pública de eficácia limitada. As melhorias no ambiente de negócios ocorrem apenas setorialmente e de maneira lenta, sem garantir aos investidores grandes estímulos ao desenvolvimento de negócios. As reformas no sistema de educação e ciência, tecnologia e inovação são executadas de maneira restrita, fazendo com que o parque produtivo nacional mantenha um baixo grau de inovação e inserção internacional. Na área energética, a capacidade de investimentos é limitada. No campo social, os indicadores de qualidade de vida apresentam evolução inercial e as grandes áreas metropolitanas convivem com graves problemas.

Painel de monitoramento de cenários

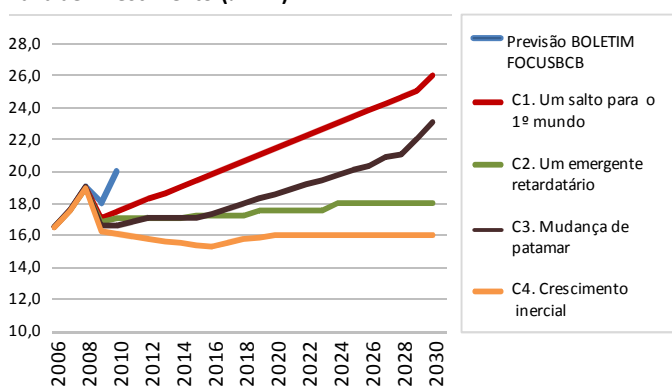
PIB Brasil (variação % anual)



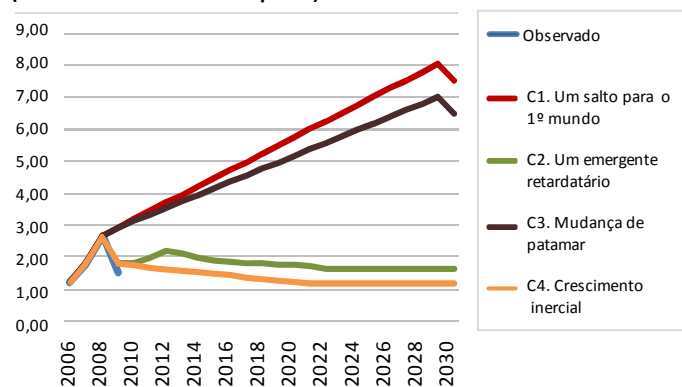
PIB Mundo



Taxa de Investimento (% PIB)



Investimento Estrangeiro Direto
(% do fluxo mundial de capitais)



A exploração do futuro com o uso de Cenários

➤ O QUE SÃO CENÁRIOS?

São a descrição de um futuro possível, imaginável ou desejável para um sistema e seu contexto e do caminho ou trajetória que o conecta com a situação inicial deste sistema e contexto. Podem ser definidos como a descrição de histórias do futuro, sendo, dessa forma, uma das mais poderosas ferramentas de planejamento.

➤ PRA QUE SERVEM CENÁRIOS?

Prever o futuro é impossível. Cenários não se propõem a fazer isso. Propõem-se sim a nos ajudar a explorar o futuro em um mundo de grandes mudanças, utilizando o mapeamento e organização de incertezas e tendências em relação ao futuro. São uma ótima forma de antecipar futuros alternativos para melhorar as decisões tomadas no presente.

➤ COMO OS CENÁRIOS DEVEM SER CONSULTADOS?

Nenhum cenário “puro” se realizará como previsto. A realidade conterà elementos de cada cenário. O futuro é uma construção social e muda a toda hora. A pergunta a ser feita não deve ser “qual o futuro mais provável”; e sim “o que a organização deve fazer se tal cenário acontecer”. Por isso o monitoramento é também um instrumento muito importante.

Sobre a Macroplan

A **Macroplan Prospectiva Estratégia & Gestão** é uma das mais experientes empresas brasileiras de consultoria em cenários prospectivos, administração estratégica e gestão orientada para resultados.

Com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Vitória, a Macroplan oferece aos seus clientes um trabalho personalizado, diferenciado e inovador, que alia uma experiência de 20 anos de atuação à capacidade de desenvolver e implantar soluções de sucesso compatíveis com a realidade de cada cliente.

A Macroplan se diferencia trabalhando “sob medida”, em um estilo de atuação que alia discrição, criatividade e muita dedicação, buscando alternativas mais eficazes que atendam às necessidades do cliente.

Acumulando mais de 270 mil horas de trabalho, a Macroplan já desenvolveu mais de 250 projetos de consultoria para grandes e médias empresas, instituições governamentais e entidades educacionais e tecnológicas.

Com uma equipe composta por mais de 40 profissionais de formação multidisciplinar e uma ampla rede de consultores associados, todos com sólida experiência nas áreas de atuação da consultora, a empresa agrega competências que a qualificam para atuar com proficiência tanto no setor privado, como em instituições públicas.